

O papel do enfermeiro acerca dos usuários depressivos na unidade básica de saúde: uma revisão literária

The role of nurses about depressive users in the basic health unit: a literary review

DOI:10.34117/bjdv7n3-011

Recebimento dos originais: 08/02/2021

Aceitação para publicação: 01/03/2021

Rosângela de Aguiar Rodrigues

Mestranda em Promoção da Saúde, Desenvolvimento Humano e Sociedade
Universidade Luterana do Brasil
Endereço: Travessa Justo Chermont | Número: 159 | Bairro: Centro | CEP: 68180-620, Itaituba|Pará
E-mail: rosangelard@yahoo.co.br

André Guirland Vieira

Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento
Universidade Luterana do Brasil
Residente à Rua Marcílio Dias, 836/03 - Porto Alegre - RS - CEP 90130-000
E-mail: agvieira2010@gmail.com

Bruna Santana de Souza Soares

Mestranda em Promoção da Saúde, Desenvolvimento Humano e Sociedade
Universidade Luterana do Brasil
Endereço: Avenida Maranhão, Número: 335 | Bairro: Bela Vista | CEP: 68180-410, Itaituba|Pará
E-mail: lielbruna@gmail.com

Cristhianny Almeida e Silva

Mestranda em Promoção da Saúde, Desenvolvimento Humano e Sociedade
Universidade Luterana do Brasil
Endereço: Avenida Manfredo Barata, Número: 445 | Bairro: Boa Esperança | CEP: 68181-005, Itaituba|Pará
E-mail: cristhiannyalmeida@hotmail.com

Adriano de Aguiar Coutinho

Mestrando em Promoção da Saúde, Desenvolvimento Humano e Sociedade
Universidade Luterana do Brasil
Endereço: Rua Paredão, Número: 429 | Bairro: Bom Jardim | CEP: 68181-475, Itaituba|Pará
E-mail: adriano19ac@yahoo.com.br

RESUMO

A Unidade Básica de Saúde (UBS) é a principal porta de entrada para atender as necessidades da população em geral. A depressão se estabelece como uma das principais causas de vínculo entre as doenças e, caso persista a incidência desse transtorno, que em breve estará em segundo lugar no mundo dentre as principais enfermidades. A

Organização Mundial da Saúde (OMS) calcula que 450 milhões das pessoas que procuram serviços primários à saúde tenham problemas mentais não corretamente diagnosticados e tratados. Mesmo quando reconhecidos não recebem o manejo adequado. Diante dessa problemática, os enfermeiros que atuam nas UBS necessitam entrar em ação para intervirem de forma positiva nas demandas e necessidades dos portadores desta patologia, pois há um espantoso número e risco de suicídio perante ela. O objetivo geral desta revisão literária foi apresentar o papel do enfermeiro acerca da depressão acometida em usuários da UBS. Trata-se de uma pesquisa de revisão literária de caráter teórico e abordagem qualitativa, para a qual foram utilizadas 32 publicações de artigos, sendo 23 utilizados para a construção dos resultados e discussão, entre os períodos de 2003 à 2020. Evidenciou-se que as demandas de saúde mental estão presentes em várias queixas expostas pelos usuários da Unidade Básica, porém, percebe-se que muitos enfermeiros não estão preparados nem capacitados para atender às necessidades dos portadores de depressão. Constatou-se ainda que os mesmos não conseguem identificar pacientes com sintomatologia depressiva, sendo assim, a assistência a estes pacientes fica prejudicada, não alcançando os pressupostos da integralidade que inclui a promoção, prevenção e reabilitação da saúde. Assim, esperamos que este estudo disponha uma contribuição para a assistência e ensino de enfermagem, promovendo, sensibilizando e tornando cientes os enfermeiros.

Palavras-chave: Depressão, Enfermeiro, Unidade Básica de Saúde.

ABSTRACT

The Basic Health Unit (UBS) is the main gateway to meet the needs of the general population. Depression is established as one of the main causes of link between diseases and, if the incidence of this disorder persists, it will soon be in second place in the world among the main diseases. The World Health Organization (WHO) estimates that 450 million people who seek primary health services have mental problems that are not correctly diagnosed and treated. Even when recognized, they are not properly managed. Faced with this problem, nurses working in the UBS need to take action to intervene positively in the demands and needs of people with this pathology, as there is an amazing number and risk of suicide before it. The general objective of this literary review was to present the nurse's role regarding depression in UBS users. This is a literature review research of a theoretical character and qualitative approach, for which 32 publications of articles were used, 23 of which were used for the construction of the results and discussion, between the periods from 2003 to 2020. It was evident that the demands mental health issues are present in several complaints exposed by users of the Basic Unit, however, it is clear that many nurses are not prepared or trained to meet the needs of people with depression. It was also found that they are unable to identify patients with depressive symptoms, therefore, assistance to these patients is impaired, not reaching the assumptions of comprehensiveness that includes health promotion, prevention and rehabilitation. Thus, we hope that this study will provide a contribution to nursing care and education, promoting, raising awareness and making nurses aware.

Keywords: Depression, Nurse, Basic health Unit.

1 INTRODUÇÃO

A Unidade Básica de Saúde (UBS) é considerada a primeira e principal porta de entrada da população brasileira na busca de cuidados, envolvendo também os portadores

de depressão. Esse transtorno foi reconhecido após vários estudos como um problema de saúde pública, sendo uma das sintomatologias patológicas com grande presença nas UBSs, afetando a população em geral, sendo altamente incapacitante e interferindo de modo decisivo e intenso na vida pessoal, profissional, social e econômica (SILVA; FUGERATO; COSTA-JÚNIOR, 2003).

Nesse cenário, os cuidados para a saúde mental na UBS é essencial e de extrema importância, pois a mesma tem como um de seus princípios, possibilitar o primeiro acesso das pessoas ao Sistema Único de Saúde, portanto, todos os profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros devem ter a capacidade de fazer o acolhimento e dar apoio psicossocial.

A temática deste estudo foi motivada pelo fato de que os enfermeiros entram em contato a todo o momento com pacientes que apresentam sintomas de depressão, no entanto, apesar de sua importância, a realização de práticas em saúde mental nas UBSs provocam muitas dúvidas, curiosidades e receios desse profissional. Nessa perspectiva essa revisão objetiva descrever o papel do enfermeiro sobre os usuários depressivos na UBS, descrevendo as estratégias utilizadas para o rastreamento e acompanhamento dessas pessoas e identificar os desafios que estes profissionais enfrentam acerca deste assunto.

Espera-se que o desenvolvimento dessa pesquisa colabore na melhoria da prestação de assistência dos profissionais de enfermagem que atuam nas UBSs, pois segundo Baptista (2017), estes devem possuir conhecimento acerca da depressão, saber agir, compreender e ter habilidades para garantir um bom atendimento a esses pacientes e suas famílias.

2 TRANSTORNO DEPRESSIVO

A depressão é capaz de atingir todas as faixas etárias incluindo homens, mulheres, idosos e até mesmo crianças, porém sabe-se que as mulheres são duas vezes mais afetadas que os homens. As razões podem incluir variados motivos como estresse, partos, efeitos hormonais entre outros, mas nas crianças e idosos a doença tem características particulares (ROCHA *et al.*, 2015).

O termo depressão tem sido cada vez mais abordado e enfatizado na mídia, nas redes sociais e também em artigos acadêmicos. No entanto, foi observado que na grande maioria das vezes a discussão sobre o tema é feita de forma equivocada, sem hipóteses teóricas e científicas para dar ênfase ao assunto (FERREIRA; GONÇALVES; MENDES, 2014).

Além do sofrimento e ausência de cuidados que esses pacientes enfrentam, eles vivenciam o descrédito, a exceção e, com muita frequência o suicídio, por este motivo, verifica-se a grande necessidade de um acolhimento e diagnóstico precoce (WAIDMAN *et al.*, 2012).

3 MECANISMOS FISIOPATOLÓGICOS DA DEPRESSÃO

A máquina humana, considerada como cérebro, produz hormônios para a manutenção das atividades desenvolvidas pelo organismo humano, ele por meio de sinapses nervosas e liberação de neurotransmissores, como norepinefrina, serotonina, dopamina e acetilcolina faz controle das atividades psicomotoras, apetite, sono e obviamente o humor, quando ocorre a disfuncionalidade desses neurônios é provável que ocorra o desencadeamento da depressão (COUTINHO *et al.*, 2015).

Pesquisas sobre a fisiopatologia do distúrbio depressivo demonstram que essa patologia se dá devido a uma diminuição na produção de monoaminas que fazem parte de um grupo de neurotransmissores (PERITO; FORTUNATO, 2012) no entanto, quando ocorre a falta ou a diminuição na produção destes é possível que desencadeie alterações pós-sinápticas no cérebro, impedindo a liberação desses hormônios, causando então sintomas depressivos (LAGE, 2010).

4 DIAGNOSTICO

É imprescindível que o paciente apresente um grupo de sintomas que sejam característicos da doença (SIQUEIRA *et al.*, 2009).

Segundo o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), é preciso que o paciente apresente cinco ou mais sintomas caracterizadores da depressão, devendo estar presentes por pelo menos um período de duas ou mais semanas para que se tenha e que representem um comprometimento da capacidade funcional anterior, sendo que pelo menos um dos sintomas presentes seja o humor abatido e a perda do interesse ou prazer (FURLANETTO; BRASIL, 2006).

5 TERAPÊUTICA E REABILITAÇÃO

O Enfermeiro é o responsável por acompanhar o paciente da UBS durante o tratamento e reabilitação do transtorno Depressivo necessitando proporcionar o cuidado desde a prevenção até a promoção de saúde em relação à doença, estimulando a reinserção

do paciente na sociedade, garantindo assim, que o acolhimento e assistência prestada pelos profissionais da saúde sejam assertivas (LIMA, 2017).

Essa terapêutica necessita ter como meta aperfeiçoar a qualidade de vida, amortecendo o internamento hospitalar, impedindo o suicídio, diminuindo as reincidências dos episódios de depressão e garantindo a adequada adesão com o mínimo de efeitos adversos (SILVA; SANTOS; SOARES, 2012).

Não há um procedimento apropriado para a cura, mas existem meios de intervenções que, dependendo do caso e grau da doença, podem ser colocados em prática para transformar a resposta do cérebro e aliviar os quadros do indivíduo (ANDRADE *et al.*, 2018).

6 AS HABILIDADES DO ENFERMEIRO PARA ASSISTIR PACIENTES COM TRANSTORNO DEPRESSIVO

O enfermeiro é o principal e o mais importante intérprete já que o cuidar não está voltado apenas a auxiliar a população de modo particular e medicinal, mas estar atento e se pôr como ouvinte, gerando conexões no atendimento de suas necessidades (BARBOZA, 2011).

Ele é o membro principal de contribuição na inserção para a adesão e melhora da qualidade de vida, tendo a chance de realizar educação em saúde, dando apoio emocional e espaço para o exercício do cuidado de enfermagem psiquiátrica, que inclui também outras intervenções como o relacionamento interpessoal terapêutico. (CAVALCANTE *et al.*, 2017).

Para Sousa *et al* (2020), a importância da assistência de enfermagem diante do enfrentamento desse problema de saúde pública é de extrema relevância, uma vez que no momento da assistência de enfermagem, a influência mútua entre o enfermeiro e paciente é relevante, e esta interação dependerá das qualidades próprias de cada um, no qual necessita empregar sua própria personalidade, captação e habilidade para dilatar com o paciente mais positividade para suportar circunstâncias complexas e de estresse.

7 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de revisão literária de natureza teórica e abordagem qualitativa. Ressalta-se que é uma pesquisa realizada com dados secundários, dedicada a reconstruir teorias e conceitos anteriormente elaborados por outros autores, tendo em vista a aprimoração de fundamentos teóricos (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Foram explorados artigos de duas bases de dados, sendo elas, Scielo e Lilacs, entendendo que foram nessas onde mais se localizaram pontos importantes acerca do assunto abordado, publicados entre os períodos de 2003 à 2020. Foram analisadas e selecionadas entre os meses de outubro de 2017 à novembro de 2019.

Houve uma seleção de 73 artigos com a temática proposta, que foram analisados de forma detalhada, onde após esta observação existiu a eliminação de 37, resultando em apenas 32, que dentre estes, 23 compuseram a construção dos resultados e discussão.

8 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra discursiva deu-se pela etapa de compilação e de comunicação dos resultados, com a intensão de apresentar a visão geral de todo o material por meio de uma construção organizada da temática sobre o papel do enfermeiro frente aos usuários depressivos nas Unidades Básicas de Saúde.

Daré e Caponi (2017) afirmam que a Unidade Básica é vista como a principal porta de entrada para atender as necessidades da população, se tornando a responsável pela promoção da saúde de maneira geral.

Ainda considera Sousa *et al.* (2014), que a Estratégia Saúde da Família (ESF) deve ser mantenedora do cuidado mesmo que haja a necessidade de atenção em outros setores do sistema de saúde, remetendo à demais capacidades da equipe como realizar busca ativa. No entanto, destaca a importância do rastreamento para identificação de usuários que necessitam de assistência em Saúde Mental.

Arantes (2007) afirma que existe uma recomendação formal para o diagnóstico e seguimento do tratamento da depressão de forma sistemática na UBS. Os gestores políticos e de saúde pública precisam planejar métodos para que o seu tratamento seja melhorado e colocado em prática.

Considerando o cenário anterior, Motta, Moré e Nunes (2017) dizem que a depressão é apontada como um enorme desafio para o setor de saúde pública e que o objetivo de Ação Global de Saúde Mental é que o atendimento aos portadores de depressão seja também oferecido de forma humanizada pelas Unidades Básicas de Saúde.

Torquato *et al.* (2018) ainda referem que a Atenção Primária traz uma enorme autoridade no prognóstico do transtorno depressivo pelo fato das UBSs apresentarem um grande índice de pacientes com depressão, tornando-se então essencial o oferecimento de procedimentos válidos.

De acordo com o Ministério da Saúde (2013), a saúde mental não está dissociada da saúde em geral, portanto se torna imprescindível os enfermeiros observarem que as demandas de saúde mental se fazem presentes pelos indivíduos que buscam a UBS.

Para Candido e Furegato (2005), a depressão é um transtorno extremamente corriqueiro. A grande maioria dos usuários da UBS quando buscam esse atendimento permanecem sem receberem o diagnóstico e tratamento adequados, resultando em grandes números de casos e altas taxas de suicídio.

Silva *et al.* (2015) lembram que existem diversas formas de minimizar os agravos desenvolvidos pela depressão. Eles dizem que a ESF é colocada na recuperação e reabilitação deste agravo, sendo o enfermeiro o profissional que mais entra em contato com estes pacientes.

Sobre a importância do papel do enfermeiro na reabilitação de pessoas depressivas, Trevisan *et al.* (2016) afirmam que o enfermeiro deve estar inserido de maneira intensa no processo de recuperação na busca pela independência, autonomia e autoconfiança, bem como às suas afinidades no meio familiar e direito à cidadania, cumprindo desta forma o seu papel de um profissional qualificado.

Outra abordagem realizada por Feitosa, Bohry e Machado (2011), é que os enfermeiros ainda devem assumir o papel de cuidadores cooperando significativamente na conservação da estabilização familiar, atendendo as incertezas, as opiniões e desempenho da família, incentivando a mesma a batalhar por seu familiar enfermo.

Conforme Videbeck (2012), o enfermeiro tem como papel, atuar na contribuição da adesão e evolução da qualidade de vida do paciente com transtorno depressivo, sendo o principal autor para os auxiliarem em seu efetivo tratamento e até mesmo em sua reabilitação, seja individual ou em grupo.

Sousa *et al.* (2020) corroboram o contexto pois para o usuário, o papel fundamental do enfermeiro é procurar prestar de forma clara e coesa informações, tendo em mente que existe uma imensa dificuldade em alguns pacientes absorverem as informações. O conhecimento sobre os protocolos no atendimento pelo enfermeiro é fundamental.

Amarante *et al.* (2011) autenticam a informação acima, dizendo que o enfermeiro tem o dever de oferecer cuidado absoluto, ininterrupto e ser participante dos programas realizados, promovendo a saúde individual e em grupos, procurando base de qualidade territorial e não se limitando aos recursos provenientes da UBS.

Quanto as estratégias utilizadas pelos enfermeiros para o rastreamento e acompanhamento de pessoas depressivas Amarante *et al.* (2011) dizem que para que os

enfermeiros apresentem resultados positivos eles devem utilizar diversas estratégias com o objetivo de resolver os problemas expostos, investindo continuamente no desenvolvimento de proximidade com a comunidade.

Uma das estratégias apontadas por Waidman *et al.* (2012) é que o enfermeiro possa criar táticas de grupos para permitir trocas de experiência, bem como orientação sobre como lidar e conviver com a pessoa depressiva, desenvolvendo atividades de grupo como arte, havendo um aproveitamento dessa ocasião para promover e recuperar a saúde mental.

Garcia *et al.* (2014) descrevem que o acolhimento a este paciente se funda em um importantíssimo instrumento para a promoção da saúde mental. O autor lembra que a depressão é uma doença comum e está diretamente ligada aos fatores estressantes da vida habitual, conseqüentemente, quando identificada precocemente pode ser tratada através de atividades individuais ou grupais, não tendo a necessidade de encaminhá-los para Centros de Referência, entre eles, o Centro de Atendimento Psicossocial (CAPSII), Ambulatórios de Saúde Mental, entre outros.

Em conformidade com o exposto, Cardoso (2011), diz que é necessário realizar um treino de redesenvolvimento de interações sociais, com o objetivo de restituir antigas fontes de reforçamento e permitir a instalação de novas fontes e vínculos sociais de comunicação e interação.

Conforme Andrade e Pedrão (2005), o enfermeiro deve mostrar-se numa posição mais pública, deixando o paciente mais à vontade para escolher as atividades que desejam e necessitam realizar e sempre repensar a suas práticas e atitudes, avaliando constantemente o que está sendo feito e proposto, pois não adianta utilizar uma alternativa de atuação se essa não fizer sentido aos usuários ou se a sua ação ainda reproduzir as práticas tradicionais e cristalizadoras de assistência.

Oliveira *et al.* (2014) argumenta que o atendimento em grupo pode trazer resultados positivos para essa demanda de paciente, pois passam a ter consciência do momento que estão vivenciando, obtendo assim, a compreensão, o cuidado e o empenho da família e da equipe de enfermagem. Além do mais, a prática do trabalho multiprofissional pode recomendar a esses pacientes influências mais humanas e harmônicas em meio aos profissionais, estimulando o vínculo entre o enfermeiro e indivíduo, promovendo a autonomia, cidadania, e envolvimento do paciente durante a assistência.

Quando se trata dos desafios que os enfermeiros enfrentam acerca da depressão, Barboza (2011) enfatiza que o diagnóstico da depressão tem aumentado de maneira significativa entre a população, apontando uma elevada prevalência e também sendo considerada pelo Ministério da Saúde como um enorme problema de saúde pública, o autor ainda observa que a problemática adverte a dificuldade do enfermeiro em acionar e projetar o cuidado à saúde do paciente depressivo na UBS. Essa temática se torna assustadora, pois a maioria dos enfermeiros não possuem uma formação específica ou de qualidade, nem capacitação ou especialização na área de saúde mental, o que de certa forma acaba dificultado o devido diagnóstico e o possível tratamento ao portador da depressão.

Nascimento e Braga (2003) corroborando com o exposto, diz que os enfermeiros sentem muita dificuldade em lidar da maneira adequada com as questões de saúde mental, pondo em destaque a maneira confusa como entendem o que seja saúde mental; o uso do encaminhamento como uma das principais táticas de atuação; o reconhecimento da incapacidade no manejo das ações da sociedade; o não conhecimento e o pouco uso dos recursos da comunidade para atuarem em ações preventivas; a utilização limitada de uma escuta afetuosa e humana; o reconhecimento da ausência de treinamento, incerteza e carência de conhecimento profissional para lidar com esse processo.

Para Cabrera (2016) os enfermeiros deparam-se com grandes problemas em identificar pacientes com sintomas de depressão, portanto, terminam por não avaliarem esses indicadores nos pacientes por eles atendidos.

Silva *et al.* (2015) afirmam ainda que a maioria dos profissionais que atuam na Unidade Básica não apresentam qualificação na área de saúde mental tornando o desenvolvimento da assistência mais complexo, primeiramente, por falta de iniciativa dos próprios profissionais em procurarem informações e práticas que viabilizem o seu atendimento.

Diante destas discussões, almejamos que haja uma conscientização para os envolvidos, tanto o profissional quanto a família e usuário, e que seja uma reflexão acerca de maiores abordagens sobre o tema durante o curso de graduação, de educação continuada, atualizações e outros aperfeiçoamentos, pois vivemos num momento de muitas incertezas que vêm se agravando cada vez mais.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo foi possível perceber que a depressão é um tema atual e está presente na realidade da UBS apresentando uma necessidade de acolhimento a esses pacientes, no entanto percebe-se que a maioria dos enfermeiros não possuem habilidades técnicas, nem capacidades para atender às necessidades específicas desses usuários. Diante disso, a assistência aos pacientes fica prejudicada, não alcançando os pressupostos da integralidade que inclui a promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde.

Torna-se necessário que as práticas da ousadia, da criatividade e da alegria estejam sempre associadas a um atendimento de qualidade, tendo estes profissionais condições de descobrirem distintas modalidades terapêuticas que gerem a inclusão e compromisso ao tratamento e reabilitação desses pacientes.

Assim, almejamos que este estudo contribua para uma assistência de enfermagem, sensibilizando e tornando consciente o enfermeiro sobre a importância do acolhimento e assistência de enfermagem ao portador de depressão na Unidade Básica de Saúde.

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, A. L. *et al.* As estratégias dos enfermeiros para o cuidado em saúde mental no Programa Saúde da Família. Texto e Contexto Enfermagem, Santa Catarina, v. 20, n. 1, p. 85-93, 2011.
- ANDRADE, R. L. P.; PEDRÃO, L. J. Algumas considerações sobre a utilização de modalidades terapêuticas não tradicionais pelo enfermeiro na assistência de enfermagem psiquiátrica. Revista Latino Americana de Enfermagem, São Paulo, v. 13, n. 5, p. 734-742, 2005.
- ARANTES, D. V. Depressão na Atenção Primária à Saúde. Rev Bras Med Fam e Com, Rio de Janeiro, v. 2, n. 8, p. 261-270, 2007.
- BARBOZA, M. E. Enfermeiro do PSF e o paciente com transtorno depressivo. Artigo Revisão, Belo Horizonte, v. 6, n. 3, p. 0-11, 2011.
- BAPTISTA, A. R. Assistência de Enfermagem à parturiente com depressão pos-parto (DPP) no serviço de maternidade do Hospital Dr. Baptista de Sousa. Mindelo, p. 1-80, 2017.
- CABRERA, Z. C. Adesão ao portador de depressão ao tratamento: uma proposta em estratégia saúde da família. Universidade Federal de Minas Gerais, Montes Claros, v. 7, n. 5, p. 9-19, 2016.
- CANDIDO, M. C. F. S.; FUREGATO, A. R. F. Atenção da Enfermagem ao portador de transtorno depressivo: uma reflexão. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 1-13, 2005.
- CARDOSO, L. R. D. Psicoterapias comportamentais no tratamento da depressão. Psicol. Argum., Curitiba, v. 29, n. 67, p. 479-489, 2011.
- CAVALCANTE, F. G. *et al.* O papel do enfermeiro na adesão ao tratamento de pessoas com transtorno depressivo. CONGREFIP, Patos, v. 8, n. 4, p. 1-3, 2017.
- COUTINHO, M. E. M. *et al.* Aspectos biológicos e psicossociais da Depressão relacionados ao gênero feminino. Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria, Mato Grosso, v. 19, n. 1, p. 50-57, 2015.
- DARÉ, P. K.; CAPONI, S. N. Cuidado ao indivíduo com depressão na atenção primária em saúde. ECOS, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 1-13, 2017.
- FEITOSA, M. P.; BOHRY, S.; MACHADO, E. R. Depressão: família e seu papel no tratamento de pessoas com transtorno. Revista de psicologia, Brasília, v. 14, n. 21, p. 127-144, 2011.
- FERREIRA, R. C.; GONÇALVES, C. M.; MENDES, P. G. Depressão: do transtorno ao sintoma. Psicologia P. T., Minas Gerais, p. 1-16, 2014.

FURLANETTO, L. M.; BRASIL, M. A. Diagnosticando e tratando depressão do paciente com doença clínica. *JBras Psiquiatr.*, Santa Catarina, v. 55, n. 1, p. 8-19, 2006.

GARCIA, M. I. H. *et al.* Realidade dos profissionais da Estratégia de Saúde da Família em relação à detecção dos transtornos mentais comuns. *Revista de Ciência da Saúde, Rio Grande*, v. 26, p. 37-44, 2014.

GERHADT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Método de Pesquisa. Editora da UFRGS, Porto Alegre, v. 1, p. 7-114, 2009.

LAGE, J. T. Neurobiologia da Depressão. *Revista Acta Médica Portuguesa, Porto*, v. 3, n. 1, p. 1-24, 2010.

LIMA, V. J. S. Cuidados de enfermagem à pessoa com depressão atendida na atenção primária de saúde. *Revista Científica da FASETE, Bahia*, v. 3, n. 3, p. 327-335, 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Saúde Mental: Caderno de Atenção Básica. Editora MS, Brasília, v. 1, n. 34, p. 1-176, 2013.

MOTTA, C. C. L.; MORÉ, C. L. O. O.; NUNES, C. H. S. S. O atendimento psicológico ao paciente com diagnóstico de depressão na Atenção Básica. *Ciência e Saúde Coletiva, Florianópolis*, v. 22, n. 3, p. 911-920, 2017.

NASCIMENTO, A. A. M.; BRAGA, V. A. B. Atenção em saúde mental: a prática do enfermeiro e o médico do programa saúde da família de Caucaia-CE. *E.S.P. Caucaia*, p. 84-93, 2003.

OLIVEIRA, C. R. S. *et al.* A saúde mental e a saúde da família: rastreamento e acompanhamento em saúde mental. UFMA/UNA-SUS, São Luís, v. 12, n. 3, p. 7-38, 2014.

PERITO, M. E. S.; FORTUNATO, J. J. Marcadores Biológicos da Depressão: uma revisão sobre a expressão de fatores neurotróficos. *Revista Neurocienc*, v. 20, n. 4, p. 597-603, 2012.

ROCHA, A. *et al.* A importância da comunicação terapêutica frente ao tratamento do transtorno bipolar. *Universidade Positivo, Curitiba*, p. 81-84, 2015.

SILVA, A. P. M. *et al.* Saúde mental no trabalho do Enfermeiro da Atenção Primária de um município no Brasil. *Acta Paul Enferm, Belo Horizonte*, v. 31, n. 1, p. 35-43, 2015.

SILVA, C. T. M.; SANTOS, S. S.; SOARES, T. S. A importância do enfermeiro na assistência ao paciente com depressão. [S.l.]: webartigos, 2012. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-do-enfermeiro-na-assistencia-ao-paciente-com-depressao/91999/#ixzz4xPbcLsfO>> Acesso em: 05 nov. 2017. 17:44:29.

SILVA, M. C. F.; FUGERATO, A. R. F.; COSTA-JÚNIOR, M. L. C. Depressão: pontos de vista e conhecimento de enfermeiros da rede básica de saúde. *Revista Latino americana de Enfermagem, São Paulo*, v. 11, n. 1, p. 7-13, 2003.

SIQUEIRA, G. R. *et al.* Análise da sintomatologia depressiva nos moradores do Abrigo Cristo Redentor através da aplicação da Escala de Depressão Geriátrica (EDG). *Ciência e Saúde Coletiva*, Jaboaão do Guararapes, v. 14. n. 1, p. 253-259, 2009.

SOUSA et al, Enfermagem na prevenção da depressão no idoso. *Braz. J. of Develop.*, Curitiba, v. 6, n. 9, p.70446-70459, sep. 2020. ISSN 2525-8761

TORQUATO, A. C. S. *et al.* Avaliação do diagnóstico de depressão realizado por médicos da Atenção Primária à Saúde de Anápolis. *Ver. Educ. Saúde, Goiás*, v. 6, n. 1, p. 71-79, 2018.

TREVISAN, M. *et al.* O papel do enfermeiro na recuperação de idosos depressivos. *Revista Eletrônica Gestão e Saúde*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 428-440, 2016.

VIDEBECK, S. L. *Enfermagem em saúde mental e psiquiatria*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

WAIDMAN, M. A. P. *et al.* Assistência de enfermagem às pessoas com transtornos mentais e às famílias na Atenção Básica. *Acta Paul Enferm, Maringá*, v. 3, n. 25, p. 346-351, 2012.